

## **Apontamentos sobre identidade homossexual em *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Júnior**

Fabiano Tadeu Grazioli  
Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing

Submetido em 07 de setembro de 2016.  
Aceito para publicação em 18 de janeiro de 2017.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 54, outubro de 2017. p. 348-365

---

### **POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
  - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
  - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
  - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
- 

### **POLÍTICA DE ACESSO LIVRE**

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>  
Segunda-feira, 23 de outubro de 2017  
20:59:59

## APONTAMENTOS SOBRE IDENTIDADE HOMOSSEXUAL EM *EU É UM OUTRO*, DE HERMES BERNARDI JÚNIOR

### OBSERVATIONS ABOUT THE HOMOSEXUAL IDENTITY ON THE BOOK *EU É UM OUTRO*, WRITTEN BY HERMES BERNARDI JÚNIOR

Fabiano Tadeu Grazioli<sup>1</sup>

Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing<sup>2</sup>

**RESUMO:** *O presente trabalho constitui-se de uma análise da obra Eu é um outro, do autor gaúcho Hermes Bernardi Júnior, no intuito de identificar e discutir algumas questões relacionadas à identidade homossexual do adolescente Eduardo, o protagonista-narrador. A estrutura da obra permite que a personagem fale de si, usando analogias, metáforas e comparações, algumas das quais são por nós recolhidas e associadas ao seu perfil, que por meio desses recursos se desenha frente aos olhos do leitor. São traçadas no trabalho relações entre a identidade homossexual construída na obra e estudos sobre identidade a partir de Hall (2014) e identidade homossexual, principalmente a partir de Silva (2007) e Ferrari (2005). Nesse processo, fica evidente que a obra em questão consegue apresentar elementos que permitem a representação da identidade homossexual na literatura juvenil contemporânea, além de constituir uma narrativa capaz de promover debates necessários nos espaços de leitura nos quais for acolhida.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *identidade homossexual; literatura juvenil; eu é um outro; Hermes Bernardi Júnior.*

**ABSTRACT:** *This article shows an analysis of the book Eu é um outro, of the gaúcho writer Hermes Bernardi Júnior (it is called gaúcho a person who was born in the south part of Brazil, in the State of Rio Grande do Sul). The main objective of this analysis is to discuss some questions related to the homosexual identity of the teenager Eduardo who is the protagonist and the narrator of the story. The structure of the book allows Eduardo talk about himself through analogies, metaphors and comparisons. These characteristics are resources that help the reader imagine and draw Eduardo's profile. Thus, in this reseach it is pointed the relations between the homosexual identity built in the book and it is also shown studies about identity based on Hall (2014) and homosexual identity, mainly Silva (2007) and Ferrari (2005). In this process, it is evident that the book that this article analysis, has poetry on it and can show elements that allow the representation of the homosexual identity when it comes to Contemporary Youth Literature. Besides being a provocative narrative, it is able to promote discussions in the reading spaces which is necessary.*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em Letras pela mesma instituição. Professor do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Erechim/RS e da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE).

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora da Universidade de Passo Fundo – Programa de Pós-graduação em Letras (mestrado e doutorado) e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Campus de Frederico Westphalen – Programa de Pós-graduação em Letras (mestrado). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

**KEYWORDS:** *homosexual identity; youth literature; eu é um outro; Hermes Bernardi Júnior.*

## 1. Introdução

Em 23 de novembro de 2015, *Eu é um outro*<sup>3</sup> recebia, no Teatro Renascença, em Porto Alegre, o Prêmio Açorianos de Literatura, categoria infantojuvenil, dias após seu criador – Hermes Bernardi Júnior – ter falecido. Meses antes, a obra havia conquistado o Prêmio Livro do Ano, na categoria juvenil, premiação organizada pela Associação Gaúcha dos Escritores (AGES), láurea que seu autor chegou a comemorar entre nós. Em 2014, ano do lançamento de *Eu é um outro*, Hermes participou da mesa-redonda “Diversidade Sexual na Literatura Infantil e Juvenil”, dentro da programação da 60ª Feira do Livro de Porto Alegre, oportunidade em que apresentou sua última criação e a definiu como uma narrativa sobre um adolescente que descobre o desejo e o amor homossexual. Sua obra, mais do que bem-vinda num contexto de produção literária e cultural que não investe seriamente na temática homossexual para o público juvenil, seria reconhecida com os dois principais prêmios do Estado, no ano seguinte.

No turbilhão de mudanças e transformações caras à adolescência, o desejo pelo mesmo sexo aflora e marca profundamente os contornos da identidade de Eduardo, o narrador-protagonista de *Eu é um outro*. A narrativa é o relato do adolescente, em sua primeira sessão de terapia, aquela que parece ser o início de um “tratamento”, investimento do pai, que não consegue ouvir as verdades relacionadas à sexualidade do filho. Assim, temos a voz de Eduardo, que, em primeira pessoa, recupera fatos passados, alguns ocorridos e outros apenas imaginados, quase todos eles relatados ao seu interlocutor, de maneira não-linear.

Esse esquema narrativo é instaurado de modo que Eduardo, nele imerso, especule sua identidade homossexual, sobre a qual lhe cabem mais certezas do que dúvidas: entre as certezas, estão o amor e o desejo que sente pelo amigo Manon. É esse esquema narrativo que permite que Eduardo busque as palavras que o definem, as palavras que se tornam sua marca e que também marcam o outro, o ser amado e desejado. Nossa proposta, neste trabalho, é revelar algumas dessas palavras, que revestidas de significado, permitem perceber como sua identidade homossexual se inscreve na narrativa e compreender o processo de constituição da identidade do narrador-protagonista. No percurso inicial, abordamos brevemente algumas questões relacionadas à identidade, a partir de Hall (2014), e à identidade homossexual, principalmente a partir de Silva (2007) e Ferrari (2005), que serão, ao fim do estudo, retomadas e relacionadas à obra. Na segunda parte do texto, passamos à análise da narrativa, tendo em vista a proposta esboçada.

## 2. Algumas palavras sobre identidade homossexual

Importante estudo de Stuart Hall emerge sob o título “A identidade cultural na pós-modernidade” a partir da ideia de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. De acordo com o autor:

---

<sup>3</sup> BERNARDI JÚNIOR, Hermes. **Eu é um outro**. Porto Alegre: Edelbra, 2014. As citações serão retiradas desta edição. Indicaremos somente o número da página em que se encontram. Todas as demais citações utilizadas no trabalho apresentam autor, ano e página ou autor e ano.

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL,2014, p. 9).

A “crise de identidade” especificada por Hall se refere ao final do século XX. Essa crise se intensifica na contemporaneidade e tem interferências em vários aspectos da vida do indivíduo, chegando a alterar as paisagens culturais de sexualidade. O autor afirma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL,2014, p. 10).

A força que essas transformações possuem de promover mudanças nas identidades pessoais dos indivíduos abala a certeza que estes tinham de si próprios como sujeitos integrados. Segundo Hall (2014), a perda de um “sentido de si” estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito: a “crise de identidade” seria esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos – do seu lugar no mundo social, cultural e de si mesmos.

Das três concepções de identidade apresentadas por Hall (2014), é a de sujeito pós-moderno que interessa para os contornos deste trabalho, que é aquele caracterizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2014, p.12).

A mobilidade e a fluidez são intrínsecas à identidade do sujeito, a ponto de o autor considerar comodidade ou fantasia se pensar ou se assumir uma identidade unificada e completa. Ela está sujeita a modificações e interferências que nos levam a considerar um conjunto de identidades possíveis de serem assumidas, as quais o autor caracteriza como desconcertantes e cambiantes. Ao se referir à identidade como cambiante, o autor atribui a ela a característica de mobilidade que há pouco afirmávamos ter. Ao caracterizá-la como desconcertante, o autor traz à tona as

destoantes identidades que um mesmo sujeito pode vir a assumir, “ao menos temporariamente”.

Hall (2014) apresenta cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento na segunda metade do século XX e cujo maior efeito foi o descentramento final do sujeito cartesiano. O pensamento marxista (reinterpretado por Louis Althusser); a “descoberta” do inconsciente por Freud, e em especial a leitura que Jacques Lacan fez desses estudos; o trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure; o trabalho do filósofo e historiador francês Michel Foucault; e o impacto do feminismo, como crítica teórica e como movimento social. É o quinto descentramento que nos importa mais de perto neste artigo, pois

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz [...]. (HALL, 2014, p. 27).

No contexto desses novos movimentos sociais, cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores.

Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2014, p. 27).

Segundo Hall (2014), o feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico, à medida que, por exemplo, também enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados, politizando a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). Assim, “aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero”. (HALL, 2014, p. 28). Como reflexo das transformações geradas pelo feminismo, o movimento gay passa a se organizar em diversos lugares do mundo na década de 1960. No final da década seguinte e início da década de 1980, o movimento gay surge no Brasil, como fruto de um período de redemocratização do país, originando diferentes grupos espalhados nas principais cidades brasileiras, com uma pauta de luta e de reivindicações aproximadas. (MACRAE, 1990).

Anderson Ferrari, a partir dos estudos de Antônio Carlos Pierucci (1990), assim se refere ao período em questão no Brasil:

O final da década de 70 e início de 80 foi palco para o surgimento de vários grupos gays, que traziam temáticas em comum para a discussão, dando origem ao que ficou conhecido como movimento gay. Não somente os homossexuais, mas outros grupos sociais, nesta época, articulavam-se pela defesa da visibilidade, da construção de novas formas de conhecimento, de cidadania plena e pela luta por direitos civis. Mais do que isso procuravam fazer da diferença uma causa de luta a ser defendida, difundida e ensinada. [...]. Essas reivindicações demonstravam a importância do contexto político em que se desenvolviam. O fim da ditadura militar fazia surgir e reforçar um sentimento de otimismo cultural e social que atingia a todos. A abertura política

possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa e, mais especificamente, trazia a esperança, abraçada pelos grupos gays, de uma sociedade em que a homossexualidade poderia ser celebrada sem restrições. (FERRARI, 2005, p. 95).

Com a articulação do movimento gay, já se pode falar na existência de uma identidade gay, de uma identidade homossexual, que começa a ganhar visibilidade e importância. Adriana Nunan do Nascimento Silva (2007), ao dedicar um capítulo de sua tese de doutoramento à temática da identidade homossexual, afirma, logo no início, estar ciente do terreno escorregadio do tema, mas comenta que seria um absurdo abolir qualquer referência ao conceito. Para esboçar um conceito de identidade homossexual, Silva (2007) parte da seguinte consideração: “definimos identidade como um fator diferenciado que certos indivíduos possuem de determinadas posições culturais, políticas e econômicas correntes em cada sociedade”. (SILVA, 2007, p. 32). Tal definição nos faz pensar que a identidade está estritamente ligada aos movimentos e aos agrupamentos que surgem tendo em vista as posições, principalmente culturais, que os indivíduos assumem durante a sua existência, ideia já esboçada por Hall (2014), quando o autor tratou do surgimento do movimento gay. Em seguida, Silva investe na definição de identidade homossexual. Para tanto afirma que as pessoas são categorizadas de acordo com as formas pelas quais elas diferem dos valores culturais predominantes. E,

no caso brasileiro, estes ideais seriam o de um homem branco, heterossexual, jovem e bonito. Na impossibilidade de se identificarem com o grupo tradicional heterossexual, muitos gays acabam lutando por uma identidade própria, cujo componente central parece ser, entre outros, o desejo homossexual (Souza, 1989). Vemos, assim, que a identidade homossexual tem, pelo menos, duas dimensões: a de como o indivíduo se reconhece (e se identifica com seus iguais) e a de como o indivíduo é visto pela sociedade (e se contrapõe aos grupos diferentes do seu). (SILVA, 2007, p. 32).

As duas dimensões levantadas por Silva podem ser entendidas a partir das considerações de Denys Cuche, para quem “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato”. (CUCHE, 2002, p.182). Desse modo, podemos afirmar que são as interações com o meio que contribuem para a construção da identidade.

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais. (CUCHE, 2002, p.182).

A identidade homossexual, nesse contexto, nasce da oposição entre grupos que apresentam identificação heterossexual. A contribuição de Cuche (2002) é nos fazer perceber que uma identidade específica se estabelece e se organiza nas interações entre os diferentes grupos, em movimento de oposição (homossexual/heterossexual). A identidade homossexual, assim como as demais identidades, são construções que tomam forma na interação com os grupos sociais.

Ainda em Silva (2007) encontramos traços de uma concepção de identidade homossexual que interessa a este trabalho. A partir de Goffman (1988), para quem “as pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de

aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu” (GOFFMAN *apud* SILVA, 2007, p. 33), Silva afirma que “muitos homossexuais vivenciam uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais que afetam sobremaneira sua perspectiva de mundo, facilitando, assim, a aquisição de uma identidade gay”. (SILVA, 2007, p. 33). Sucintamente, “*estigma* pode ser definido como uma marca pública (física ou metafórica) de vergonha e desonra que outorga ao indivíduo um status social baixo”. (SILVA, 2007, p. 33). Vivenciar os mesmos estigmas que resultaram em desprezo e preconceito podem ser exemplos de ajustamentos pessoais vivenciados pelos indivíduos que assumem, ao longo da vida, uma identidade homossexual, pois, conforme Silva (2007), afirmar-se homossexual afeta grandemente a inserção social e a vivência psíquica do indivíduo, o que significa que não podemos ignorar a importância dessa identidade.

Cabe ressaltar que:

a identidade gay parece ser adotada sobretudo por homossexuais masculinos brancos de classe média. Este fenômeno se explica pelo fato de que é mais fácil (econômica e socialmente) para estes indivíduos se identificarem e viverem abertamente como homossexuais do que para as lésbicas, os negros e os pobres. (SILVA, 2007, p. 34).

O que depreendemos da afirmação de Silva é que a identidade homossexual em questão não é a única identidade possível ou desejável para todos os homossexuais. É a mesma autora que chama atenção para o fato de ser mais correto pensarmos em *homossexualidades*, ou seja, em várias identidades homossexuais. Demos, até então, espaço à identidade homossexual que localiza homossexuais masculinos brancos de classe média em um mesmo grupo, tendo em vista a obra que será analisada neste trabalho, mas temos consciência de que se trata de uma identidade homossexual dentre muitas outras.

Há, no entanto, uma característica que perpassa quase que a totalidade das identidades homossexuais, que já foi levantada por Silva (2007), quando esta autora afirmou que a identidade de muitos gays tem como componente central o desejo homossexual. De acordo com Ferrari (2005), a classificação como homossexual fornece aos sujeitos um grupo de pertencimento, que é fornecido pelo que há de comum entre eles. Contudo, há uma grande dificuldade em estabelecer o que é comum, no caso das identidades homossexuais, mas é a partir desse esclarecimento que é possível verificar o que faz de um grupo um grupo. Para que haja um grupo, segundo o autor, há a necessidade da identificação dos membros entre si. Ferrari (2005, p. 66) considera que “Tratando-se de grupos gays, essa identificação ocorre por meio de representação e sentimentos em comum, o que faz com que o desejo esteja tão presente nas discussões dos grupos gays”. O desejo homossexual pode ser um balizador na tentativa de compreendermos o que une identidades homossexuais distintas em um grupo maior, pois “ainda hoje, serve para que cada um se sinta homossexual em algum momento de suas histórias de vida, seja pela classificação advinda do outro, ou mesmo por uma autoidentificação a partir das representações das homossexualidades” (FERRARI, 2005, p. 66). E também “porque a leitura do desejo e a sua colocação como traço em comum servem para fornecer uma identidade aos sujeitos, a identidade homossexual, associando a colocação em comum das percepções que cada um tem de si e dos outros” (FERRARI, 2005, p. 67). Assim, o desejo homossexual serve para criar um sentimento de pertencimento e se torna componente central da identidade homossexual, indiferente de

qualquer outra característica que venha a separá-la em distintas identidades homossexuais.

### 3. As primeiras definições de Eduardo sobre si e o enredo reorganizado

É no caminho da terapia que Eduardo formula a primeira definição de si que encontramos na obra: “Eu tô ficando sério. Sou um garoto sério olhando pro nada no banco carona de um carro que atravessa a cidade. Meu pai conduz. Somos apenas pai e filho sentados no banco de um carro. Em silêncio. Só isso”. (p. 11). É como filho que se define, um filho em silêncio, na presença do pai. Quando chegam ao destino, algo de diferente acontece:

Carrego até o elevador a lembrança recente daquele resto de abraço desajustado do corpo pai ao corpo filho. Entro no elevador. A porta do elevador se fecha e me encerra em paredes de aço escovado. Cheiro de alfazema, barba recém-feita roçando leve o meu rosto onde o beijo do pai, antes, nunca nunca. (p. 12).

O ato do pai ensaia, na visão do narrador, “uma espécie de aconchego”. Ele fica observando o filho que desembarcou do carro até ele entrar no elevador. O beijo, no contexto em que acontece, marca de forma singular o momento que pai e filho vivem, pois representa que o pai, de fato, vai entregar a outro “pai” seu filho, a quem a psicologia permite entender melhor. Logo no início da sessão, Eduardo, falando de suas questões homoafetivas ao terapeuta, fala da expectativa do pai em relação aos encontros que acabam de iniciar: “O pai diz que tem tratamento. Diz engolindo em seco a decepção por não conseguir falar francamente comigo sobre o assunto. Ele sugeriu, por isso vim. Ele insistiu.” (p. 19). A insistência do pai em relação ao tratamento, agora declarada por Eduardo, reforça o que afirmamos anteriormente: o pai transfere a função de oferecer ajuda ao filho a uma outra pessoa, na esperança de que este terceiro “trate” seu filho. A esperança que o pai deposita no tratamento parece revelar que ele acredita que a homossexualidade pode ser curada ou revertida.

Assim que chega na sala de espera do consultório, Eduardo observa o ambiente e assim o descreve:

Tem revistas espalhadas sobre uma mesa no canto, música tranquila saindo de uma caixa de som, três cadeiras confortáveis, pouca luz. Uma planta pedindo água em outro canto.  
Eu sou a planta. (p. 12)

Planta pedindo água. Essa metáfora já traz ao leitor alguma informação de como se encontra o menino que está prestes a entrar na sua primeira sessão de terapia. Um vegetal que necessita de um dos elementos vitais para sua sobrevivência. Alguém que precisa ser acolhido, cuidado, regado, para que lhe volte a vida em plenitude. A descrição que faz do ambiente não se encerra na planta:

E tem aquele quadro na parede.  
Manchas de cores quentes, fortes, contornos pretos. Abstrato. Não sei se gosto, mas não consigo desviar o olhar. Me aproximo. Está lá, no canto inferior da tela: Wassily Kandinsky. Uma reprodução. Wassily será de vacilar. Rio dessa minha infeliz associação de palavras.

Eu sou o quadro. (p. 13).

Agora Eduardo afirma ser o quadro. Logo adiante a explicação da comparação usada pelo narrador:

Abstrato não se explica. Linhas e manchas de tinta. Significam algo? Não. Parece uma pessoa. Confuso. Uma pessoa confusa? Bonito, não pra parede lá de casa. Mãe alguma iria querer manchas e linhas que parece uma pessoa confusa pendurada na parede da sala. Bem onde as visitas circulam, onde os olhares e conversas vasculham. Onde os farelos se entranham nas costuras do sofá. Pai nenhum o quererá, também. (p. 14).

Eduardo encontra seu reflexo no quadro por que seus sentimentos e ideias estão confusas, abstratas, tal como a pintura de Kandinsky. Ao afirmar que nem mães nem pais gostariam de ter o quadro figurando nas salas de suas casas o narrador está insinuando que as famílias não gostam de expor pessoas em conflito de identidade aos olhos dos outros. Pelo menos é a experiência que ele partilha em sua família e o motivo pelo qual ele está a poucos minutos de iniciar seu “tratamento”.

“Mas onde começa do que ainda pouco sei?” (p. 15). Eduardo ensaia diversas formas de começar a conversa com o terapeuta. Nesses ensaios, o leitor é comunicado pela primeira vez sobre sua identidade homossexual. Escolhemos um para transcrever: “(...) Doutor, tenho um amigo de quem gosto muito mais do que pretendi gostar. Mais do que cabe no que chamam de normalidade. Qual normalidade? De quem? Penso nele num limite que vai para além de amigo, doutor”. (p. 16). Quando é recebido pelo “doutor”, fala sem planejar, mesmo antes de entrar no consultório: “Sabe, tenho entrelinhas, minha vida dá um livro, o senhor sabia?” (p. 16). O terapeuta responde a ele: “Você, trate-me por você. Falemos das suas entrelinhas aqui dentro. Temos tempo”. (p. 16).

No consultório, Eduardo observa o rio pela janela, e cria mais uma analogia para comunicar ao leitor aspectos importantes do momento que vive. “Lá fora, o rio. Há um barco parado. Sua vela parece uma tela branca pendurada na parede do céu”. (p. 17). O terapeuta fecha a janela para criar uma atmosfera de segurança durante a sessão. E Eduardo inicia:

Tenho um amigo de quem gosto muito, doutor.  
Suspiro.  
Embrulho.  
Quero vomitar.  
Silêncio. (p.17)

Eduardo busca em seguida a analogia com o barco para comunicar ao leitor o seu estado de quase paralisia: “A vela do barco talvez tremule lá fora. A água do rio pouco se move, imagino. Espera. O barco insinua um primeiro movimento de águas profundas”. (p. 17-18). O barco é o próprio Eduardo, que, num primeiro momento, parece não conseguir expressar suas experiências, mas que depois procura construir um discurso sobre si que dá conta de comunicar suas principais questões de identidade durante a sessão. São flagrantes do texto em que a analogia do barco é acionada: “O vento sopra a cortina, sopra a vela do barco. Vejo pelas frestas. O rio tremula. Vem uma tempestade por aqui. Eu tócumulus-nimbos” (p. 25), que antecipa acontecimentos complexos a serem narrados; “Pelas frestas da cortina, o barco, que parecia ter âncoras

incrustadas ao fundo, vai cedendo ao curso do rio. Como se voltasse à margem, começo de tudo, onde deveria ter um porto seguro.” (p. 54), que marca o momento de menos tensão no discurso de Eduardo e o início da parte final da sessão, e conseqüentemente da obra; “A cortina da janela me deixa expiar pra fora. Pra fora onde o barco se move no rio. O motor movimenta a água. Não basta o vento nas velas para ele seguir em frente. Haverá um par de remos no bote para um possível naufrágio?” (p.76); sobre o final da primeira sessão, a segurança que Eduardo parece adquirir, a necessidade de manter o acompanhamento psicológico e a possibilidade de ele vir a sentir-se inseguro e esmorecer. Essas associações são comunicadas somente ao leitor, no fluxo de consciência que se instaura na narrativa, fluxo este poucas vezes interrompido pelo seu interlocutor. Todo o restante do texto faz parte do discurso de Eduardo sobre si pronunciado no primeiro encontro com o seu terapeuta.

O tema que predomina durante a sessão é a identificação de Eduardo com a homossexualidade. O protagonista já percebe essa identidade como sua, pois o desejo por meninos o visita desde que seu corpo e sua mente despertaram para as transformações da adolescência, mas que ainda não lhe é totalmente conhecida, devido à sua pouca idade. Os últimos meses de sua vida são narrados ao analista num discurso tenso e intenso que mistura abruptamente fatos mais recentes com fatos mais antigos, analogias que Eduardo utiliza para comunicar ao “doutor” os seus sentimentos, e reproduções de diálogos que Eduardo manteve com os personagens de sua história, aos quais acha importante dar voz. Essa construção narrativa tumultuada é caracterizada pelo terapeuta como “turbilhão”: “É natural que numa primeira sessão muitas coisas venham assim, num turbilhão. O que faremos é tentar organizá-las melhor”. (p. 76).

Num esforço por colocar os fatos na ordem cronológica, podemos dizer que Eduardo, o narrador protagonista, é um menino educado e sensível, que prefere “andar em silêncio em vez de ficar comentando nádegas e peitos de garotas no intervalo das aulas como se garotas fossem apenas nádegas e peitos”. (p. 22). Em uma livraria, é surpreendido por um menino mais velho, por quem é convidado a compartilhar (ler) alguns versos de uma poesia entre as estantes de livros. Trata-se de Manon, rapaz com quem o narrador constrói uma profunda amizade, que se transforma, por parte do narrador, num sentimento maior, que ele chama de amor. Na sessão de terapia que dá forma à obra em questão, o menino é questionado pelo terapeuta, que tenta fazê-lo refletir sobre as características de tal amor, uma vez que, de acordo com o que ele narra até o momento em que é questionado, leva o terapeuta a entender que não é correspondido. A relação de amizade dos dois rapazes evolui rapidamente: passam a se encontrar para caminhar, para conversar, andar de bicicleta, falar de futebol, ler poesia. O narrador também recebe o amigo em sua casa, já que Manon quis conhecer seu quarto – essa visita vai se tornar frequente.

Manon quis mostrar seus desenhos, conhecer meu quarto. Gostou. Falou assim que entrou. Gostou do modo como eu ordenava os CDs, livros. E da maneira como ajeitei as coisas para ele se sentar na cadeira onde eu me sentava para ler, estudar, comer pipocas, rabiscar.

Meu lugar emprestado ao outro.

Meu lugar generosamente emprestado ao outro. Quase raro de minha parte, mas foi genuíno emprestar-me assim. (p. 30).

Da parte de Eduardo, o que existe entre eles já é o que, com sua pouca experiência de vida, chama de amor. A esse sentimento está ligado o desejo sexual de

Eduardo por Manon, pois parece-nos que o protagonista prevê viver o amor na sua plenitude. Para um adolescente que se vê facilmente excitado e que já se masturba pensando em meninos, o sexo naturalmente seria ingrediente desse amor. Entretanto, da parte de Manon, não temos, em grande parte da história, aceno algum sobre a correspondência do sentimento de Eduardo. Muitas vezes, o ser amado fala em amizade, mas não passa de uma abertura para esse sentimento, mesmo porque Manon namora Clara, uma menina dois anos mais velha, e isso parece dificultar mais ainda qualquer aproximação amorosa da parte do protagonista. Há um dia em que Manon liga para Eduardo pedindo que se encontrassem para caminhar e conversar. Manon contaria a Eduardo que estava se preparando para viajar com Clara: seria uma viagem para conhecer o mundo e, quem sabe, tentar a vida em outro lugar, já que ambos haviam acabado o Ensino Médio. Mas Manon não conta, pois é surpreendido – por seu aniversário – com um presente da parte de Eduardo, o livro de contos *Os dragões não conhecem o paraíso*, de Caio Fernando Abreu. Um marca-páginas acompanhava o livro e estava colocado num conto-chave da edição, uma estratégia para Eduardo informar a Manon alguma pista de seus sentimentos. Os dois amigos combinam um passeio até o estádio, passeio que culmina numa tragédia, pois Eduardo, depois do jogo é agredido violentamente no banheiro por componentes da torcida rival.

O fato virou caso de polícia e de imprensa, e resultou em dois meses de internação, tempo em que Eduardo passou por cirurgias sérias, entre elas, intervenções na face, pois teve o maxilar fraturado, cirurgia da qual herdou três pinos. “São tatuagens internas que ficaram para me lembrar do que eu gostaria de esquecer. Três pinos no maxilar. Começo a ser robô”. (p. 11). Teria que fazer outras cirurgias com o passar dos anos. No hospital, recebe a visita de Manon, que, embora se mostre muito preocupado com o amigo, vem lhe dar a notícia de sua viagem com Clara. Eduardo tem muito para falar ao amigo-amor, mas simplesmente diz: “Vai Manon, vai mundo afora aproveitar a vida”. (p. 66). O tempo passa e Eduardo, sem notícias de Manon, pensa que ele viajou com Clara. No momento em que o protagonista deixa o hospital, estão presentes Márcia, sua amiga, seu pai e sua mãe. Na rua, está Manon à sua espera, com um presente. A surpresa de Eduardo é enorme e a presença do amigo-amor parece iniciar uma cura interna no menino, ainda inchado, cheio de ataduras e usando muleta. “O sorriso dele cicatrizando umas dores minhas”. (p. 67-68).

Pensei que você estava longe, Manon. Bem longe. Em outro país.

Em um mundo onde as coisas se esquecem.

Então, Edu, fiquei em dúvida se devia ir, sabe. Não sei, umas coisas aí... E ainda não tinha entregue esse desenho pra você, um esboço de tatuagem. É um presente. Presente? Mas um presente por quê? Ah, cara, queria dar a você alguma coisa por ter enfrentado esse problema todo como um verdadeiro guerreiro, um nobre. Também para me desculpar por ter ficado longe. Tem umas coisas que eu ainda não sei lidar, entende, Edu? Aceita, vai. (p. 68-69).

Uma possibilidade de que Manon corresponda aos sentimentos de Eduardo se acenou no encontro em si e pela primeira vez na fala de Manon. O protagonista aceita o presente e pede um abraço, que recebe do amigo com mais uma das surpresas que lhe esperavam naquele dia:

Na hora de afastar nossas partes, pude sentir o aroma do seu hálito de chicletes de hortelã ao pôr pela primeira vez seus olhos profundamente pretos sobre os meus respectivamente castanhos.

E disse:

Desisti da viagem. Ia sentir falta.

Explica.

Edu, eu ia sentir falta da nossa poesia.

Hein?

Eu ia sentir saudade de nós, cara. (p. 73-74)

E depois, com a autorização dos pais, Manon leva Eduardo para uma volta de bicicleta, afinal já estava se recuperando. Como já foi possível perceber, em *Eu é um outro*, uma obra repleta de analogias, seu criador aposta na linguagem poética para elaborar o texto, colocando na voz de Eduardo diversas metáforas e comparações para que o protagonista fale de si e de seus sentimentos. Planta, quadro abstrato, barco são comparações já levantadas por nós. Agora passamos a tratar da analogia mais recorrente na obra, e que diz muito sobre a identidade do narrador, à qual dedicamos o próximo título.

#### 4. A torre

É no começo da sessão que a torre aparece no discurso de Eduardo. Depois de, enfim, conseguir dizer algo mais detalhado ao doutor sobre seu desejo por Manon, o narrador evoca pela primeira vez a analogia da torre:

Gosto de histórias, desde sempre. Antes de dormir, a mãe lia contos. Num deles havia uma torre com uma janela e alguém dentro dela. A torre não tinha porta, uma prisão. Eu não pegava no sono antes de alguém se aproximar e destruir a cerca de espinhos ao redor da torre para facilitar sua escalada. Acabaria com uma espera de anos. Mas eu nunca estive acordado para o final da história, embora o soubesse feliz. Era eu quem cortava os espinhos. (p. 20).

O próprio narrador se coloca, na história que conta, como o alguém que corta os espinhos para escalar a torre, acabar com a espera de anos e viver o final feliz, embora desconhecido. O ato de cortar os espinhos e escalar a torre pode ser visto com os movimentos de Eduardo em direção ao ser amado, suas investidas, suas estratégias para comunicar seus sentimentos, para, enfim, poder falar sobre amor com Manon. Mas a analogia com a torre é usada para comunicar diversas questões em diferentes momentos, alterando a posição dos personagens do conto, possibilitando outras inferências, como quando Eduardo conta ao “doutor” a experiência de ter conhecido Manon na livraria, e de ter sido convidado para ler poesia com ele: “Lembrei do conto que a mãe lia, de alguém na base da torre. E não era eu. Agora, quem escalava a torre tinha outro rosto”. (p. 21). Se é Manon, na tentativa de cortar espinhos e empreender a escalada, quem está preso na torre, agora, é Eduardo.

Um pouco adiante, a analogia com a torre aparece novamente: “Minha mãe fechava o livro, eu lembro. E então, quando eu estava quase pegando no sono, alguém cortava os espinhos ao redor da torre, ele escalava a parede de pedras salientes para encontrar outro, lá no alto. Ele beijava o outro. Eu salvava o outro, eu era salvo”. (p.

23). É a versão “original” do conto. Eduardo se vê novamente escalando a torre, e, ao mesmo tempo que salva o outro, é salvo por ele. É assim que Eduardo projeta a história, a sua história. No mesmo dia do encontro na livraria, Manon oferece carona de *bike* a Eduardo.

Segura firme em mim, Edu.  
 Eu começava a gostar.  
 É.  
 Eu começava a gostar.  
 Eu não queria pegar no sono. Precisava saber como terminaria esse conto.  
 Era o que eu precisava. Um convite para escalar a torre. Havia pedras salientes à espera. Arregacei as calças para não enroscar na correia. (p. 24).

Este mesmo momento, marcante para Eduardo, vem à tona em seu discurso mais uma vez e o narrador recorre, mais uma vez, à analogia com a torre:

Puxou meus braços ao redor da sua cintura. A bicicleta ia nos levar a algum lugar. Segura em mim, ele disse.  
 Alguém avançava na escalada da torre. As pedras salientes pareciam seguras. Tô seguro. Pedala. Tô me salvando. (p. 26).

O alguém que avança novamente é o próprio narrador, pois é ele que afirma estar se salvando. Quando recebe a visita de Manon no hospital, uma declaração inesperada da parte do amigo-amor deixa Eduardo animado e receoso ao mesmo tempo. E a analogia com a torre é novamente utilizada:

Você lembra do rosto deles, Edu? Sua família avisou a polícia? Não acredito que você tenha provocado os caras. Você é tão poesia, cara!  
 A barba ruiva emoldurando sua boca que pronunciava palavras. As mais lindas. Você é tão poesia, cara.  
 Um sorriso se esboçou sob as ataduras. As minhas. Ou eu sorri pra dentro evitando denunciar fora o que estava sentindo. Pra não afastá-lo. Tive medo. Medo de que, ao se deparar com outro na torre ele descesse, voltasse aos espinhos e fugisse em disparada como presa aos olhos do predador. Medo que ele preferisse a cegueira dos espinhos do que ver o que me parecia visível. Senti medo de que ele sáísse para sempre de tão perto, tão perto, de tão perto, de tão perto se eu manifestasse tocá-lo com aquilo que eu mal sei dizer.  
 Aquilo o que? Diga, Eduardo.  
 Amor. (p. 32).

Quando Manon leva a namorada para o jogo de futebol, além de formarem um casal, os dois torcem para o mesmo time. Eduardo se expressa assim: “Outra vez na torre sozinho, esperando. Os espinhos crescendo ao redor”. (p. 37). No hospital, quando Manon visita Eduardo, pergunta-lhe por que ele não esperou no lugar combinado no dia da partida de futebol, Eduardo tem vontade de dizer:

Estou cansado de esperar uma iniciativa sua, cansado de pensar que não quero remexer e confundir sua cabeça, tô cansado de dar sinais que você ignora, estou cansado de respeitar suas escolhas, estou cansado de ser um cara educado e não lhe pegar de jeito quando você vem à minha casa, senta na minha cadeira (...). Estou cansado de escalar e escalar e escalar a torre, de ficar na torre. (p. 38).

O fragmento transcrito é uma das tantas falas que Eduardo deseja pronunciar e não pronuncia. A enfermeira entra no quarto e o menino não se pronuncia. Notamos que Eduardo se coloca tanto do lado de fora da torre, o desbravador, como dentro da torre e, assim, também coloca Manon nessas posições cambiantes. Como já afirmamos anteriormente, os personagens são alterados pela vontade de Eduardo ao elaborar a fala sobre si. O que fica evidente é que há um espaço a ser percorrido, e ambos podem perfazer esse caminho, um em encontro ao outro, como podemos ver na próxima utilização da analogia da torre pelo narrador:

Queria ter dito de dentro de minhas ataduras, com o soro enfiado no braço:  
Quem de nós vai começar a cortar os espinhos em volta da torre? Mas meus músculos da face mal se moviam. Me faltava força. Faltou-me coragem [...]. (p. 39).

Quando ficam sozinhos no quarto do hospital, Manon toma as mãos de Eduardo entre as dele. “Gesto inesperado, esperado”. (p. 39). O narrador então consegue dizer: “Não esperei você, Manon, por que me agrediram no banheiro. Por que eu estava sozinho, como sempre. Um eu desprotegido caído no meio dos espinhos, numa poça de sangue e mijo durante o salto para ver se conseguia alcançar o outro que fugia [...]”. (p. 39). Mas Eduardo tem dificuldade de articular as palavras, sua fala não é compreendida por Manon, que reage assim: “Hein? Dói”. (p. 39).

Outra utilização da analogia com a torre aparece quando Manon telefona para Eduardo informando que não está bem e que precisa conversar: “Eu fui necessário a ele por algum momento. Ele estava na torre. Não o deixaria esperando”. (p. 44). Quando retoma, na sessão, o fato de Manon ter tomado suas mãos entre as dele, Eduardo diz: “Eu diria para ele, cara, eu gosto muito de você. Eu salvo você. Você me salva”. (p. 50), outra referência ao conto da torre. Quando Manon fala a Eduardo sobre sua intenção de viajar com Clara, o menino reage pensando imediatamente na torre: “Vou soltar os pontos. Vou me jogar da torre. Sobre espinhos”. (p. 51). A torre agora, em momento de desespero, aparece como um recurso quase suicida para o narrador, que vê seu amigo-amor partir com a namorada.

Em outra referência à torre, Eduardo conta ao terapeuta que Manon não reagiu à estratégia do conto assinalado no livro oferecido como presente.

Ele não disse palavra. Me testava? Calava para não encarar o desejo que ele também sentia? Ou eu imaginava que o desejo dele era o mesmo meu? Éramos dois à espera um do outro na torre mais alta?  
E só aí eu me dei conta: em tudo, eu ficava esperando. Eu estava cansado de esperar. (p. 54).

Narrando ao terapeuta as ações que ocorreram dentro do estádio, Eduardo se refere ao fato de se separar do casal e ir em direção à torcida contrária: “Eles subiram a rampa de um lado, eu de outro. Cada um para a sua torre”. (p. 58). Quando retoma, junto ao “doutor”, o fato de Manon informar sobre a viagem que faria com Clara, a torre é evocada novamente: “Minha mão soltando das suas naquele odor hospitalar. Meu olhar escapando sem paradeiro janela afora. Para o nada. [...]. Foi me deixando, mais do que nunca, naquelas ataduras, na torre.” (p. 62).

Na saída do hospital, ao ser abraçado por Manon, Eduardo se refere mais uma vez ao conto da torre: “Cortou a primeira rama de espinhos”. (p. 73). Na mesma cena, a mãe parece apressar Eduardo. “Puxei Manon pra perto. Outro abraço. Minha parte

apartada, cúmplice. Eu esmagava espinhos”. (p. 73), conta ao seu interlocutor na sessão de análise.

As investidas de Eduardo, suas estratégias e tentativas de comunicar a Manon seu desejo/amor representam a escalada do narrador, que não pode usar a porta e as escadas, via mais acessível, para sua trajetória, que pelas paredes da torre se torna caminho difícil, parecendo muitas vezes intransitável. Alguns gestos de Manon são interpretados pelo narrador como movimentos no contexto da torre, como pode-se conferir nesta seção.

A torre sem portas, que obriga o desbravador a escalar suas paredes para chegar ao outro, esperando lá em cima, lida como metáfora parece muito apropriada para falar da história de Eduardo, bem como para tematizar a história de outros homossexuais que sentem desejo/amor por pessoas que se identificam, a princípio, com a heterossexualidade, ou que não conseguem corresponder imediatamente a outras possibilidades de vivenciar sua sexualidade. Na nossa busca por perceber e destacar na narrativa de Hermes Bernardi Júnior algumas das palavras que definem o narrador protagonista e que contribuem para construir sua identidade homossexual, tornando-se sua marca, a metáfora da torre se destaca, pela ênfase que ganha na repetição e nas reformulações diversas e criativas empreendidas pelo autor. O mundo interior de Eduardo é satisfatoriamente informado por meio da utilização da metáfora da torre, desdobrada nos espinhos que a cercam, na solidão de quem espera lá no alto e no jogo cambiante dos dois personagens que assumem os dois papéis (aquele que desbrava e aquele que espera) conforme a visão de Eduardo sobre os fatos.

## **5. Identidade e identidade homossexual na obra *Eu é um outro*, de Hermes Bernardi Júnior**

Há que se ler *Eu é um outro* considerando as analogias que levantamos, já que são elas que comunicam a verdadeira identidade de Eduardo: planta que precisa ser regada, quadro abstrato com linhas e formas confusas, barco em diferentes estágios de uma pequena viagem, torre cercada de espinhos a ser escalada para o encontro com o outro. Essas são algumas das analogias exploradas no presente trabalho, a partir das quais podemos conhecer e compreender como Eduardo lida com a sua identidade homossexual, a qual começa a entender melhor, pois as sessões de análise continuarão e é nelas que o menino vai compreender melhor a si mesmo e também definirá melhor seus sentimentos. É evidente na obra que o sentimento que invade o protagonista em relação a Manon não é uma impressão ou puro desejo, como sente por outros meninos, que o excitam facilmente, principalmente se estiverem vestidos para a aula de Educação Física. Eduardo deseja Manon enquanto homem, mas deseja também estar com ele, conviver com ele, compartilhar momentos especiais com ele, sentimento novo e intenso, que, na sua curta vida, acredita ser o amor. Tal evidência é marcada na obra na comparação que Eduardo faz com outros rapazes, nos quais pensava enquanto se masturbava.

A identidade gay que Eduardo adota é aquela que já caracterizamos nesta escrita: a do homossexual masculino branco, de classe média, uma das muitas identidades homossexuais com as quais convivemos na sociedade. O desejo homossexual é elo entre Eduardo e as diversas identidades homossexuais que podemos reconhecer na vida social, bem como destacam Silva (2007) e Ferrari (2005), pois se

trata da característica que marca definitivamente a identidade gay e interliga as mais diversas identidades homossexuais. Eduardo participa de uma identidade homossexual específica, mas o desejo homossexual o faz pertencer ao grande grupo que opõe a homossexualidade à heterossexualidade. Homossexual branco, de classe média, sua principal diferença na história é marcada em relação à namorada de Manon, mulher e heterossexual. Dessa forma, ao se opor tão naturalmente a ela, tendo em vista o desejo homossexual que o caracteriza, participa do grupo maior, que coloca homossexuais do lado oposto aos heterossexuais.

Não podemos estabelecer uma relação direta entre a crise pela qual Eduardo passa e a “crise de identidade” assinalada por Hall (2014) no início de nosso trabalho. No caso de Eduardo, temos uma crise própria da idade, que caracteriza a adolescência dos indivíduos. O que distingue essa crise da crise de outros adolescentes é que há uma identificação com a homossexualidade. Contudo, a “crise de identidade” abordada por Hall (2014), que faz referência ao final do século XX e se intensifica na contemporaneidade, interfere também nas paisagens de sexualidade, retirando do indivíduo as certezas de localização, promovendo aquilo que chamamos anteriormente de descentração dos indivíduos, do seu lugar no mundo social e cultural e de si mesmos. Nesse sentido, Eduardo pode ser considerado um reflexo da época em que vive, pois, para além da crise de identidade, resultado da fase da vida denominada adolescência, parece comungar da crise de identidade que caracteriza o ser humano de sua época, uma vez que, ao assimilar sua homossexualidade, Eduardo também se vê descentrado do mundo social e cultural que conhece, um mundo com papéis heterossexuais a serem assumidos, papéis que não lhe servem.

Embora ache normal o sentimento que tem por Manon, mostra-se inseguro sobre o papel que a sociedade espera que ele assuma. “Dois garotos lendo poesia não se ajusta num jeito acostumado que as pessoas têm de pensar sobre garotos juntos, não é doutor? Tô peixe fora d’água”. (p. 18). Ao assimilar sua homossexualidade, Eduardo também se vê, como apregoa Hall (2014), descentrado de si mesmo. Talvez seja essa característica que mais se assemelhe à crise de identidade própria da adolescência, mas não é somente isso. Eduardo, mesmo com sua pouca idade, é um sujeito de seu tempo e sua identidade carrega as marcas da fluidez e da instabilidade que caracterizam a sua época. É desse ponto que precisamos partir para compreendermos suas dúvidas e angústias para além da questão da idade: Eduardo representa um eu incapaz de se unificar, se integralizar, se fechar em um mundo heteronormativo e homogêneo. Ao assumir, para si e para os outros (o que ainda não ocorreu) sua identidade homossexual, seu eu se torna fluido e instável, já que a família, os colegas, a sociedade em geral, esperam que, passada a crise da adolescência, ele venha a assumir o papel de heterossexual, o que está longe de suas expectativas e interesses. É nesse sentido que Eduardo vive a descentração de si mesmo.

Manon, por sua vez, assumiu até o momento, o que poderíamos chamar de identidade heterossexual, pois namora uma mulher. Contudo, pelo que já explanamos, Manon parece repensar o papel que assumiu, pois optou por não viajar e parece, na cena da saída do hospital, abrir um espaço para viver a história que Eduardo idealiza. Isso fica mais evidente no encerramento da obra, quando Manon, com sua *bike*, vai buscar Eduardo que acaba de sair da sessão de terapia:

Trouxe um capacete extra, Edu.

Tatua nas minhas costas o desenho que você fez para mim, Manon?

Hein?

Tatua nas minhas costas o par de asas que você desenhou para mim, Manon?

Vai marcar pra sempre, Edu.  
 Já está marcado.  
 Tatuado.  
 Então, pedala. (p. 79).

A partir desse final em aberto, podemos deduzir que Manon e Eduardo continuaram se vendo depois da saída do hospital, bem como flagrar uma possível abertura de Manon para vivenciar experiências que apontam para uma identidade homossexual. Como, na história, só conhecemos o ponto de vista de Eduardo sobre os fatos, não sabemos se, na verdade, Manon corresponde ao sentimento do amigo, só que pelas circunstâncias em que vive torna-se complicado assumir repentinamente essa nova identidade. “Tem umas coisas que eu ainda não sei lidar, entende, Edu?”. (p. 68).

Manon, na narrativa, serve para exemplificar a identidade do sujeito pós-moderno que, segundo Hall (2014), torna-se uma “celebração móvel”. A possibilidade assinalada de viver essas novas experiências apontam para uma identidade formada e transformada continuamente, de um sujeito (o sujeito contemporâneo) que assume diferentes identidades em diferentes momentos, as quais não estão unificadas ao redor de um “eu” totalmente coerente. Manon exemplifica as identidades contraditórias, deslocadas, que colocam em dúvida certezas e totalidades, bem ao modo de Hall, que citamos novamente, por ser absolutamente pertinente: “[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. (HALL, 2014, p.12). Manon quis assumir um papel heterossexual, mas parece ser a sua vez de viver uma história diferente.

Eduardo, na escola, já sofre o estigma de quem assume uma identidade diferente da maioria:

Tá difícil de esconder de todo mundo o que eu sinto. Na escola, tem uns caras de perseguição comigo porque passo em tudo que é prova, porque vivo nos meus silêncios, porque jogo futebol bem pra caramba e as garotas, todas, querem ficar comigo em vez de ficar com eles. Porque eu entendo a alma feminina, sabe doutor? Sei conversar com uma garota sem imaginá-la nua. Comigo elas não se sentem ameaçadas. Não porque pareça um carinha afetado. Não é isso. (p. 40).

Ao longo da vida, é muito provável que Eduardo passe por outras situações que exigirão dele ajustamentos pessoais, como sugere Silva (2007), que só quem vivenciou os mesmos estigmas, na busca de uma identificação com a homossexualidade, reconhece, pois tais experiências afetam sobremaneira a perspectiva de mundo de quem assume uma identidade homossexual. Manon, ao se abrir às novas experiências, também vivenciará os estigmas mais ou menos reconhecidos pela comunidade homossexual, que estão no segundo tipo classificado por Goffman (1988), no qual cabem “as culpas de caráter percebidas [pelos outros indivíduos] como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidades, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, [...] homossexualismo [...]”. (GOFFMAN, 1988, p. 14). São estigmas dessa natureza que a maioria dos indivíduos que assumem uma identidade homossexual estão sujeito a vivenciar.

Consideramos oportuno consultar os estudos de Félix López Sánchez, que pesquisa a psicologia da sexualidade, para encerrarmos nosso texto. Segundo Sánchez (2009), as

fases típicas pelas quais passam os homossexuais, ao flagrarem em si o desejo pelos seus iguais, são cinco: a confusão, a tomada de consciência, o reconhecimento, a aceitação da homossexualidade e a expressão social. Recorremos à descrição da primeira fase, em que, segundo o autor, “a pessoa se sente diferente, confusa, se pergunta se é verdade”. (SÁNCHEZ, 2009, p. 79). Esse estágio inicial, de acordo com Sánchez (2009), pode começar nas fantasias com certas experiências sexuais ou com a paixão por uma pessoa do mesmo sexo. É, em partes, a fase que Eduardo está vivendo na narrativa em questão, principalmente se levarmos em consideração os seus sentimentos em relação a Manon, o medo de não ser aceito e algumas dúvidas que possui. Contudo, Eduardo demonstra ter ultrapassado as três fases seguintes, pois na tomada de consciência, o indivíduo, por meio de suas fantasias reiteradas, toma consciência de que é homossexual (SÁNCHEZ, 2009). Eduardo tem essa consciência e não lhe parece uma ilusão, pois o desejo pelos meninos é anterior ao encontro com Manon, na livraria: “O pai me chamou para conversar, explicar essas coisas que acontecem no corpo do homem quando começa a se tornar adolescente. Meio tarde para isso [...]. Eu já me masturbo pensando em garotos, pai. Eu ia dizer, eu ia dizer, mas não disse”. (p. 35).

Quanto ao reconhecimento, é a etapa em que “não somente se tem consciência, mas se dá um passo a mais reconhecendo diante de si mesmo a homossexualidade: sou homossexual, está claro. É o primeiro passo para a verdadeira aceitação”. (SÁNCHEZ, 2009, p. 81). É esse também o caso de Eduardo, pois já tem claro para si sua identidade homossexual: não a rejeita. A aceitação, quarta fase, configura um momento em que a pessoa aceita totalmente o fato de ser homossexual. É o estágio em que se encontra o protagonista da narrativa por nós analisada. Há uma aceitação total de sua homossexualidade, não restando dúvidas ou constrangimentos em relação a ela.

Retomamos questões teóricas no momento final de nossa escrita, para podermos afirmar que Eduardo, mesmo adolescente, tem um conhecimento apurado de sua identidade homossexual e caminha para a expressão social, que é quando o indivíduo aceita o que significa socialmente ser homossexual e consegue assumir e vivenciar na sociedade sua identidade homossexual. Na linguagem popular, essa fase é conhecida como “sair do armário”. No processo de leitura de *Eu é um outro*, os leitores se tornam, pelo menos por alguns instantes, o terapeuta de Eduardo, resultado do turbilhão de informações que recebem, narradas intensamente em primeira pessoa. Nessa condição, podemos afirmar que as sessões de terapia de Eduardo, para além do que pensa seu pai, servirão para o personagem comunicar e assumir sua identidade homossexual principalmente para a família, entrando, assim, na fase da expressão social.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDI JÚNIOR, Hermes. *Eu é um outro*. Porto Alegre: Edelbra, 2014.
- CUCHE, Denys. *Cultura e identidade*. In: \_\_\_\_\_. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2002.
- FERRARI, Anderson. *Quem sou eu? Que lugar ocupo? Grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SÁNCHEZ, Félix López. Homossexualidade e família: novas estruturas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro, 2007.